

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA  
JOSÉ NUNES, OP  
PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES  
(COORDENAÇÃO)

# OS DOMINICANOS EM PORTUGAL (1216-2016)



CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**Título:** Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)

**Coordenação:** António Camões Gouveia, José Nunes e Paulo F. de Oliveira Fontes

**Edição:**

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR)  
Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa  
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa  
secretariado.cehr@ft.lisboa.ucp.pt | [www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt](http://www.cehr.ft.lisboa.ucp.pt)



**CATÓLICA**  
CEHR · CENTRO DE ESTUDOS  
DE HISTÓRIA RELIGIOSA

LISBOA

**Conceção gráfica e Execução:**

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | [www.sersilito.pt](http://www.sersilito.pt)

**ISBN:** 978-972-8361-81-5

**Depósito legal:** 439210/18

**Tiragem:** 600 exemplares

**Edição apoiada por:**



Instituto São Tomás de Aquino

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/HIS/00647/2013.

*ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA*  
*JOSÉ NUNES*  
*PAULO F. DE OLIVEIRA FONTES*  
*(COORDENAÇÃO)*

# **OS DOMINICANOS EM PORTUGAL (1216-2016)**

UNIVERSIDADE | CENTRO DE ESTUDOS  
CATÓLICA | DE HISTÓRIA RELIGIOSA  
PORTUGUESA

LISBOA 2018

## APRESENTAÇÃO

*As Jornadas de História. Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)* foram mesmo umas Jornadas.

Por decisão da sua Comissão Organizadora constituída por elementos do Instituto São Tomás de Aquino (ISTA) e do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR), apoiada pela Comissão Científica, esta participação no estudo dos 800 anos dominicanos por meio de encontros e trocas de saberes aconteceu em três Jornadas.

Três tempos do ano de 2016: 29 e 30 de janeiro, 1 e 2 de julho e 11 e 12 de novembro.

Três locais marcados à evidência pelos dominicanos: Aveiro, Vila Nova de Gaia e Lisboa.

Três temas de fundo: História, Memória, Património; Discursos, Teologia, Espiritualidade; Espaços, Homens, Percursos.

A orgânica espaço-temporal e as tríades temáticas de fixação das Jornadas são a expressão exterior da ideia de fundo que presidiu à organização científica: alteridade, mobilidade e abertura.

Outros temas, outras possibilidades de leitura, outros espaços e outros públicos entre os participantes. Deteção de movimentos, variações internas e externas, reconfigurações e problematizações. Uma abertura constante a cruzamentos de cronologias, temáticas de investigação, intervenientes de várias instituições nacionais e estrangeiras ou a diferentes estados de estudo.

Com sinceridade temos a alegria de saber que os objetivos, uns mais que outros, foram atingidos dentro dos próprios limites do projeto, como a presente publicação dá conta.

Como se conseguiu?

Com um trabalho de secretariado eficiente e interventivo conduzido pelo Dr. José António Rocha e pelo Mestre João Furtado Martins; com o apoio local do Museu de Aveiro, através do seu diretor, Dr. José António Christo, e da sua equipa; com o apoio local do Espaço Corpus Christi, em Gaia, através da sua

coordenadora, Dr.<sup>a</sup> Elsa Fontão, e da sua equipa; e, em Lisboa, através da estrutura do CEHR.

A par disso, com a atitude participativa na gestão de tempo e debates das diferentes mesas pelos vários colegas, alguns dos quais vieram a assumir a leitura crítica dos textos que agora se publicam.

E ainda com os apoios institucionais das câmaras municipais de Aveiro e de Vila Nova de Gaia, que nos acolheram, e da Biblioteca Nacional de Portugal e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que organizaram uma mostra documental e uma exposição bibliográfica em Lisboa<sup>1</sup>, que muito agradecemos.

Esperamos agora que a fixação das comunicações por escrito permita a constituição de um pequeno ponto de situação de casos modelares e dê conta das ausências e vazios de investigação e, por aí, consiga constituir-se num incentivo à prossecução mais alargada e aprofundada do estudo dos Dominicanos, a Ordem dos Pregadores.

Os coordenadores  
*António Camões Gouveia*  
*José Nunes, op*  
*Paulo F. de Oliveira Fontes*

---

<sup>1</sup> Informações detalhadas sobre a organização e o programa das Jornadas, bem como a gravação vídeo das iniciativas associadas podem consultar-se através do Portal de História Religiosa, cf. <http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/DominicanosPortugal/>

OS DOMINICANOS E A ARQUITETURA RELIGIOSA  
NO SÉCULO XX:  
UMA HISTÓRIA, QUATRO CAPÍTULOS\*

JOÃO LUÍS MARQUES\*\*  
JOÃO ALVES DA CUNHA\*\*\*  
PAULO MIRANDA\*\*\*\*  
PEDRO CASTRO CRUZ

O trabalho que aqui apresentamos procura mostrar como a arquitetura encomendada pela ordem dominicana contribuiu para a renovação do panorama artístico português no século XX. Fazemo-lo a partir de quatro exemplos, obras selecionadas, que nos permitem contar uma história de uma renovação artística que não foi imediata e que teve muitos intervenientes, do Norte e Sul do país. Estarão em estudo os processos relativos às encomendas do Convento de Cristo Rei (Porto), da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Fátima), da Capela do Seminário do Olival

---

\* O presente texto assinado pelo comissariado científico da exposição “Os Dominicanos e a arquitetura religiosa no século XX: uma história, quatro capítulos” foi elaborado a partir da transcrição da conferência que integrou a 1ª Jornada de História «Os Dominicanos em Portugal (1216-2016). História. Memória. Património» (Aveiro, 30 de janeiro de 2016) apresentada pelo arquiteto João Luís Marques, que introduziu aquele projeto expositivo. Os seus elementos apresentaram ainda outras três comunicações no quadro das Jornadas de História «Os Dominicanos em Portugal (1216-2016), nomeadamente: “Ver através do – Convento dos Dominicanos” pelo arquiteto Pedro Castro Cruz («Discursos. Teologia. Espiritualidade», Vila Nova de Gaia, 2 de julho de 2016), “Frades também na renovação da arquitetura: passos dominicanos em França, Espanha e Portugal” pelo arquiteto João Alves da Cunha e “Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Convento Dominicano de Fátima” pelo arquiteto Paulo Miranda («Espaços. Homens. Percursos», Lisboa, 12 de novembro de 2016) – estes textos integrarão o catálogo da exposição, a publicar.

\*\* Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (CEAU-FAUP)

\*\*\* Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR-UCP)

\*\*\*\* ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

(Ourém) e do Convento de São Domingos (Lisboa). A exposição, que culminará este projeto de investigação, parte desta vontade de valorizar a arte e arquitetura sacra modernas possibilitando uma outra maneira de as ver, procurando criar uma crescente sensibilidade ao que nos é, temporalmente, mais próximo.

Convento de La Tourette (Lyon, França) e o arquiteto Le Corbusier rodeado dos padres dominicanos – uma imagem da década de 1950 com a obra inovadora acabada de construir. Muitos arquitetos e estudiosos da arquitetura religiosa internacional têm presente este edifício moderno como verdadeiro santuário, lugar de peregrinação. As formas eram inovadoras e a própria maneira como fora elaborado o convento também. Porém o que nos interessa, enquanto investigadores de arquitetura religiosa, é que os dominicanos não estavam a contribuir para a renovação da arte e arquitetura religiosa apenas pela novidade das formas. De facto, não era só uma questão de forma e de possibilidades técnicas – não era só o uso do betão aparente, das varandas abertas e os quartos estreitos “máquinas funcionais” –, havia algo mais a relevar. A ordem dominicana vinha cultivando, desde a segunda metade da década de 1930, uma reflexão profunda em torno da arte sacra. A edição da revista *L'Art Sacré*, publicada até ao final da década de 1960, conta-nos bem essa história da renovação da arte sacra. Destacamos aqui três números, não por serem os principais, mas por espelharem esta evolução:

[Leçons actuelles des arts anciens, revista *L'Art Sacré*, nº1-2, Jan.-Fev.1948]

Este número fala-nos das lições atuais da arte antiga. A renovação começa com a ideia de continuidade da história, ou seja, de que não é nada de absolutamente novo o que se procura fazer, mas algo que se aprende com aquilo que foi a nossa construção ao longo dos séculos.

[Assy, revista *L'Art Sacré*, nº1-2, Set.-Out.1950]

1950 como ano de mudança. A história que se procura contar na exposição começa exatamente no início desta década. Este número da revista é dedicado à igreja de Assy, uma pequena localidade no Sul de França, junto à fronteira italiana. Trata-se de uma igreja onde o dominicano pe. Couturier reuniu o talento de Marc Chagall, Georges Rouault, Henri Matisse, Fernand Léger, Jean Bazaine, Pierre Bonnard, Jean Lurçat, entre outros artistas modernos. A nível arquitetónico, a igreja de Assy, não é um edifício de particular destaque, tendo um especial interesse enquanto lugar que reúne obras de grandes artistas plásticos, de mérito reconhecido e de contextos muito diferentes, que ali se encontraram a trabalhar para a Igreja católica.

[Où prions-nous demain?, revista *L'Art Sacré*, nº1-2, Jul.-Set.1968]

Por fim, um dos últimos números da revista, que colocou a questão “onde rezaremos amanhã?”. Na sequência dos temas tratados pela revista – pobreza, auste-

ridade, sobriedade –, chegou o momento em que se interrogou: e agora? Quais os desafios para amanhã?

Este é um percurso que nos interessa conhecer e recuperar muito sucintamente.

Ao transpor este debate para Portugal elegemos quatro obras que nos ajudam a acompanhar o processo de renovação realizado também no nosso país. Começamos pelo Convento de Cristo Rei (Porto), uma obra à partida estranha neste contexto, pois a sua imagem não se enquadra nos parâmetros habituais da modernidade. Segue-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Fátima), onde reconhecemos mais facilmente as linhas modernas, da autoria do arquiteto Luiz Cunha, membro do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa e autor de numerosas igrejas, tal como o projetista da contemporânea Capela do Seminário do Olival (Ourém). Esta é outra obra promovida pelos Dominicanos na década de 1960 onde foi assumido o caminho de renovação, aqui pelo traço do arquiteto Diogo Lino Pimentel. Por fim, o Convento de São Domingos (Lisboa), fruto de um concurso público, uma obra ainda em curso e, por conseguinte, inacabada, dos arquitetos portuenses Paulo Providência e José Fernando Gonçalves. Esta exposição, tal como a presente comunicação, não pretende apresentar um trabalho fechado. Trata-se antes de um processo de investigação em aberto, que procura cruzar e reunir informação de espólios dispersos, não só da Província Dominicana, mas também de fundos que estão nas Câmaras Municipais e noutros intervenientes que participaram nestes projetos. Reunir esta informação que está fragmentada torna-se, portanto, algo fundamental para se alcançar uma leitura histórica integral.

Do arquivo da Fundação de Serralves selecionámos uma fotografia que integrou uma recente exposição dedicada ao processo de construção da casa do Conde de Vizela<sup>1</sup>, em cuja capela a Ordem Dominicana celebrou a eucaristia dominical a partir de 1937. A casa que o Conde de Vizela (re)construiu entre 1925 e 1943 com a participação do arquiteto Marques da Silva, partiu de um aproveitamento de uma estrutura pré-existente que contava com uma capela antiga, que foi integrada também nesta adaptação. Curiosamente, nesta composição de linguagem vincadamente modernista que é a Casa de Serralves foi mantido todo o interior da capela do século XIX. Isto faz-nos questionar até que ponto a renovação da arte era algo realmente profundo e refletido, ou apenas uma opção estilística, que se contentava com a aparência exterior. Neste quadro, recordamos novamente a importância do papel dos dominicanos e da sua contribuição para uma reflexão mais profunda que procurava ir além da mera renovação das formas.

---

<sup>1</sup> “Casa de Serralves: o cliente como arquiteto” – exposição temporária, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Maio-Setembro 2015, comissário arq. André Tavares.

Falemos agora um pouco da zona onde se integra o Convento de Cristo Rei. A área envolvente compreende o agrupamento de casas económicas, resultado das políticas que surgem ainda na década de 1930, de habitação para classes trabalhadoras e sindicatos, e depois toda uma zona de expansão em torno da Avenida Marechal Gomes da Costa, onde se desenvolveria o novo centro cívico e comercial, a Praça D. Afonso V onde foi construído o Convento de Cristo Rei. Para esta zona, encontramos no Arquivo da Câmara Municipal do Porto um projeto de 1949 desenhado pelo arquiteto Fernando Távora, com uma proposta para o desenho deste centro cívico e comercial. Apesar de ter escrito quatro páginas sobre este projeto, não ocupou uma única linha com a descrição da igreja e convento. Sobre estes diz, simplesmente, que fazem parte do conjunto, do “coração” deste novo bairro que se quer criar no Porto. Não se sabe para quem seria tal igreja, se já estava destinada a alguma paróquia ou ordem religiosa, em particular à Ordem Dominicana. No entanto, Fernando Távora, sem nada escrever sobre esta igreja, revelou como a imaginava nos perfis que desenhou e que nos permitem recriar a volumetria dos edifícios então propostos. Assim percebemos que a modernidade que propôs em 1949 para a Praça D. Afonso V não só não saiu do papel, como ficou bem distante do convento que viria a ser projetado pelos arquitetos Manuel Passos Júnior e Eduardo Silva Martins. O edificado construído revela um tempo onde ainda se vivia um desencontro de linguagens, aqui materializada numa proposta de arquitetura para uma praça moderna, com edifícios de habitação plurifamiliar assentes em pilotis, com piso térreo comercial, e o convento, numa linguagem mais conservadora, frequentemente designada por Português Suave. Lembremo-nos, a título de exemplo, que nos anos 1950 em Lisboa estavam em construção as igrejas de Santo Condestável em Campo de Ourique (arq. Vasco Regaleira) e de São João de Deus à Praça de Londres (arq. António Lino) e em Aveiro construía-se o Seminário Diocesano (ARS architectos).

Regressemos ao Arquivo da Câmara Municipal do Porto para tentar entender melhor o projeto elaborado para o Convento Dominicano por Manuel Passos Júnior e Eduardo Silva Martins. A documentação consultada revela que a proposta para o convento foi alvo de discussão na Câmara Municipal, sendo que a Comissão de Estética não aprovou a primeira versão por ser da opinião que era preciso ajustar a linguagem arquitetónica ao contexto. Considerava a comissão que se estava perante uma oportunidade para renovar a arquitetura religiosa. Recorde-se que no Porto tinha havido uma polémica alguns anos antes, quando a Comissão de Estética não deu parecer positivo à igreja de Nossa Senhora da Conceição (D. Paul Bellot), que estava a ser construída no Marquês.

Em Cristo Rei o conflito de linguagens é claramente exposto por uma imagem que remonta à construção da igreja do Cristo Rei. Encontrámo-la no Fundo Teófilo Rego, fotógrafo que efetuou registos de uma série de obras de arquitetura, incluindo uma que ilustra bastante bem o desajustamento dos tempos ou o passo

desencontrado entre a arquitetura religiosa moderna – que se queria começar a fazer – e a arquitetura corrente da habitação. Duas obras contemporâneas: uma moderna, outra revivalista.

Curiosamente, anos mais tarde, na igreja do Cristo Rei, houve necessidade de atualizar o espaço litúrgico, de forma a adequá-lo às indicações conciliares. Nesse momento foram convidados arquitetos que estavam muito envolvidos na renovação da arte religiosa: num primeiro momento Fernando Abrunhosa de Brito e mais tarde Luiz Cunha.

Esta história da igreja do Cristo Rei que aqui sumariamente se apresenta, não pode ser contada sem ser enquadrada na história da Diocese e da Cidade do Porto e das transformações ocorridas na segunda metade do século XX. Recorde-se a construção de 11 novas igrejas na cidade e a participação das Ordens Religiosas, que tiveram um papel muito importante na presença da Igreja na cidade, assumindo o cargo de diversas paróquias: Cristo Rei, que é assegurada pela Província Portuguesa da Ordem Dominicana; os Dehonianos que assumiram outra paróquia moderna, a de Nossa Senhora da Boavista; os Claretianos na Areosa; entre outras, como os Carmelitas Descalços, que nos anos 1970 construíram na Foz (relativamente próximo do Convento do Cristo Rei) o primeiro prédio convento do Porto, com o rés-do-chão dedicado a espaço de culto aberto à população.

Passemos ao segundo capítulo desta história, este sim mais moderno, para vos falar da **igreja do Convento Dominicano de Fátima**, outra obra que pretendemos apresentar na exposição. O autor é o arquiteto Luiz Cunha, o mesmo que encontramos a trabalhar no interior do presbitério da igreja do Cristo-Rei na década de 1970. Tal como no Porto também aqui se encontra disperso o material necessário para contar a história da igreja. Em 1960, um primeiro estudo para esta capela foi desenvolvido pelo arquiteto Fernando Peres, futuro presidente do Sindicato dos Arquitetos. Por motivos que ainda desconhecemos, o projeto passaria para as mãos do arquiteto Fernando Távora, mais novo mas tal como o primeiro, muito respeitado. Apesar da sua maturidade profissional, os estudos que desenvolveu não receberam aprovação. Nessa mesma altura, Fernando Távora envolveu-se numa grande viagem aos Estados Unidos da América, ficando com pouca disponibilidade para desenvolver o trabalho, tendo entregue o projeto ao seu colega e amigo Nuno Teotónio Pereira. Por impossibilidade de elaborar uma proposta, Nuno Teotónio encaminha a encomenda para o arquiteto Luiz Cunha, que veio, assim, a construir em Fátima a sua primeira obra de arquitetura religiosa.

Luiz Cunha era um jovem arquiteto que já tinha trabalhado um pouco na Diocese do Porto: tinha feito a renovação do Museu de Arte Sacra na Diocese e tinha em mãos uma encomenda para uma igreja no concelho de Santo Tirso. Luiz Cunha, membro ativo do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, tinha publicado em 1957 um livro dedicado ao estudo da Arquitetura

Religiosa Moderna, estando bem preparado para desenhar esta igreja. O espaço foi organizado em torno do altar central, que reunia em assembleia a comunidade dominicana de um lado e as pessoas que vinham de fora do outro lado, num frente a frente. Para além da centralidade do altar, acentuada pela iluminação da claraboia, esta igreja é considerada a primeira a usar betão aparente, em Portugal.

A exposição pretende mostrar esta história apoiada em diversos tipos de documentos, como as maquetes que nos ajudam a visualizar os projetos. Veremos algumas fotografias da obra construída e do seu interior no tempo da inauguração da igreja – e alguns pormenores. Destacamos aqui o papel da arte sacra moderna e os trabalhos realizados pelos escultores Luísa Marinho Leite e José Grade, assim como o sacrário desenhado pelo próprio Luiz Cunha. No teto da capela do Santíssimo encontramos uma obra do pintor suíço Ferdinand Gehr, importante artista plástico cujo trabalho encontramos na coleção da Fundação Calouste Gulbenkian. Em Fátima, Gehr executou uma pintura a fresco sobre o betão. A sua presença em Fátima deve-se ao MRAR, mais concretamente a João de Almeida, que ainda seminarista, estudou por indicação do Cardeal Cerejeira em Paris, junto dos editores da revista *L'Art Sacré*, os padres dominicanos Couturier e Régamey. Depois de um ano a conhecer de perto os museus parisienses e as suas obras de arte, foi para a Suíça trabalhar com o arquiteto Hermann Baur, que viria a ser um dos membros do júri no concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa. Foi no contexto dos contactos do atelier de Hermann Baur que João de Almeida foi apresentado a Ferdinand Gehr, artista que anos mais tarde foi convidado a fazer a pintura que hoje conhecemos, uma das únicas obras que este reconhecido artista plástico executou fora do seu país natal. Apesar da grande qualidade desta obra, esta permanece esquecida, à semelhança destas igrejas que continuam pouco conhecidas pelo público geral, apesar de na época terem tido alguma repercussão no meio, tendo sido publicadas em revistas de Espanha e Itália.

Quanto à **capela do Seminário do Olival**, perto de Ourém, foi projetada pelo arquiteto Diogo Lino Pimentel, entre 1964 e 1965. Formalmente procurou promover o encontro entre a arquitetura moderna e a tradicional, dentro do espírito do levantamento à arquitetura popular portuguesa realizado pelo Sindicato dos Arquitectos na década de 1950, que despertara nos arquitetos a vontade de conciliar a linguagem moderna com os diferentes modelos formais que caracterizavam o nosso país.

Diogo Lino Pimentel fê-lo de uma forma consciente e erudita, sem copiar mimeticamente as formas da arquitetura religiosa tradicional. Recuperou temas da arquitetura, como a cobertura de duas águas com telha cerâmica, estruturas em madeira, e introduziu elementos novos, como a torre sineira em betão aparente. Colocou em prática, assim, aquilo que era a ideia da essência, da auten-

tidade da arquitetura, que a revista *L'Art Sacré* discutira na década de 1950. Julga-se importante, por conseguinte, mostrar estes desenhos, que são retratos da procura destes traços e desta plasticidade moderna da arquitetura. Estas plantas espelham também o bom entendimento que já havia sobre o que era a forma da nova assembleia reunida em torno do altar, sendo possível observar nesta obra do arquiteto (que esteve ligado ao Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa) a influência que esta encomenda dominicana vai ter na construção das capelas-salão na década de 1970.

As fotografias mostram-nos que este interior despojado integrava encomendas de arte sacra a artistas plásticos, destacando-se a pintura de São Domingos por Espiga Pinto e a escultura da Virgem com o Menino, de Maria do Carmo d'Orey e pintada por Manuel Costa Cabral. Estas obras ainda não viram justamente reconhecido o seu valor plástico, sendo intenção desta exposição contribuir para a sua valorização, abrindo horizontes no sentido de percebermos que isto é arte e arte religiosa com qualidade, feita por pessoas que procuravam realmente ir ao encontro de uma arte moderna. Arte moderna que não se esgotava na estatuária e nas imagens mas que incluía a própria paramentaria – como é exemplo a capa de asperge, concebida por Isolda Norton segundo desenho de Almada Negreiros. Esperamos conseguir voltar aos arcazes e às estantes e reunir este material nesta exposição.

Por fim, o espaço onde irá realizar-se a exposição, o **Convento e a Igreja de São Domingos**, em Lisboa. É uma obra ainda inacabada mas que de algum modo recupera a imagem inicial, do Convento de La Tourette, fazendo-nos perceber esta cultura de formas e esta ideia da arquitetura que se faz lá fora e que ecoa na produção nacional. Temos, portanto, um caso de uma arquitetura erudita, uma arquitetura estudada, que procura recuperar temas do que seria um convento moderno na cidade de Lisboa. Imagens do que são estes sonhos dos arquitetos, muitas vezes, e que nesta imagem nos remete tanto para aquela primeira. É um conjunto ímpar no contexto de Lisboa, que em 2010, no âmbito de um colóquio em Lisboa sobre arquitetura religiosa alemã, foi incluída num percurso de visitas, tendo sido uma das obras mais apreciadas pelos estudiosos estrangeiros. Esperamos que também o seja por todos quantos visitarem a exposição.

## ÍNDICE

Apresentação .....	7
Os primórdios da presença dominicana em Portugal: 1220-1418..... MARIA LEONOR FERRAZ DE OLIVEIRA SILVA SANTOS	9
Obediência e clausura: receção e produção femininas de um tópico definidor e persistente .....	27
GILBERTO CORALEJO MOITEIRO	
<i>Ordenar na observância</i> : traços e memória do processo de institucionalização do mosteiro dominicano do Paraíso de Évora .....	47
JOÃO LUÍS INGLÊS FONTES	
De penitentes a predadores: los laicos dominicos.....	61
FR. MIGUEL ÁNGEL MEDINA ESCUDERO, O.P.	
Escritos de dominicanos em bibliotecas portuguesas .....	81
FERNANDA MARIA GUEDES DE CAMPOS	
Fundamentação epistemológica da Teologia como ciência e sabedoria na <i>Summa Sermonum</i> de Frei Paio, o Pequeno, da Ordem dos Frades Pregadores, prior e mestre do convento de Coimbra .....	97
BERNARDINO FERNANDO DA COSTA MARQUES	
Reverberações da espiritualidade dominicana em Portugal.....	107
ALEXANDRE FREIRE DUARTE	

Exemplo mortificado – Conde de Vimioso e Frei Luís de Sousa: vocações da reforma dominicana . . . . .	121
FR. FRANCISCO MARTINS DE CARVALHO, OP	
O papel das monjas na produção cultural observante: produção e aquisição de manuscritos iluminados nos mosteiros dominicanos femininos portugueses (séc. XV e XVI) . . . . .	127
PAULA FREIRE CARDOSO	
Pregadores da Graça: teólogos dominicanos portugueses do séc. XVII. . . . .	145
FR. FRANCISCO MARTINS DE CARVALHO, OP	
Da Península Itálica a Portugal: bispos dominicanos entre múnus teológico-pastoral e serviço político (séc. XVI-XVIII) . . . . .	153
PAOLA NESTOLA	
Iconografia dos dominicanos na arte portuguesa dos séculos XVI e XVII: uma aproximação geral e algumas representações de casos miraculógicos. . . . .	173
VITOR SERRÃO	
Teresa de Saldanha e a vida dominicana em Portugal, no século XIX. . . . .	191
IR. RITA MARIA DO NASCIMENTO LOURENÇO NICOLAU	
As congregações femininas dominicanas e a educação em Portugal: do século XIX à atualidade . . . . .	211
CATARINA SILVA NUNES	
Os Dominicanos e a arquitetura religiosa no século XX: uma história, quatro capítulos. . . . .	229
JOÃO LUÍS MARQUES; JOÃO ALVES DA CUNHA; PAULO MIRANDA; PEDRO CASTRO CRUZ	
Publicações periódicas dominicanas em Portugal no século XX . . . . .	237
GABRIEL SILVA, OP	
Reflexão sobre <i>Ser Cristão para quê?</i> , de Timothy Radcliffe. . . . .	259
MARIA DE LOURDES SIRGADO GANHO	
Fr. António do Rosário (1919-2004) e Fr. Raul Rolo (1922-2004). Percursos, temas e vias de investigação. . . . .	267
CRISTINA COSTA GOMES	

“Dicção de Deus”: Poética e ritualidade segundo José Augusto Mourão (1947-2011) .....	279
ALFREDO TEIXEIRA	
Gustavo Gutiérrez: um discípulo de Bartolomeu de Las Casas no mundo de hoje. ....	295
FR. GONÇALO PEREIRA DINIZ, OP	

ISBN: 978-972-8361-61-5



9 789728 361815